

A “IEMANJÁ” DE JUDITH BACCI: UM PATRIMÔNIO NA CONSOLIDAÇÃO DA CULTURA UMBANDISTA EM PELOTAS-RS

LETÍCIA ALVES PEREIRA¹; FÁBIO VERGARA CERQUEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas-RS – pereiraleticia@msn.com

²Universidade Federal de Pelotas-RS – fabiovergara@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

A artista pelotense Judith Bacci (1918-1991), teve sua trajetória de ascensão e reconhecimento, de zeladora, na antiga Escola de Belas Artes em Pelotas, à laboratorista, no então Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal de Pelotas-RS. Este trabalho é parte da pesquisa de mestrado intitulada como: “A identidade representada da espiritualidade à materialidade em Pelotas-RS - uma leitura iconológica da arte umbandista de Judith Bacci”.

O objetivo geral deste estudo é analisar a importância das esculturas, vinculadas à umbanda, realizadas por Judith Bacci entre as décadas de 1960 a 1980. Para entender as causas e processos de construção da identidade cultural, bem como as relações com a memória coletiva e o patrimônio material da comunidade local (Pelotas-RS).

Para alcançar este objetivo maior partir-se-á de objetivos específicos tais como: definir o que é a Umbanda, sua doutrina e a sua relação com a imagem; conceituar patrimônio cultural e sua possível associação às obras de Judith Bacci; executar registros fotográficos das obras analisadas; problematizar, a partir dos conceitos sobre patrimônio e memória as causas e processos de construção de discursos em torno da identidade cultural; e averiguar possíveis medidas de proteção em relação à escultura de Iemanjá, por ser uma obra pública.

No presente trabalho especificamente será analisada uma das obras realizadas pela artista, a escultura da Orixá Iemanjá (sem data), localizada na gruta do Balneário dos Prazeres em Pelotas-RS. Serão averiguadas as relações da obra com a comunidade local e com a Umbanda, valorizando a escultura e atribuindo-lhe sua devida importância para a cidade de Pelotas, já que esta obra possui forte vínculo com a comunidade umbandista. Este trabalho se torna importante a partir do momento em que procura valorizar a memória de Judith Bacci e uma das obras públicas mais conhecidas da artista, a qual possui profunda relação com a comunidade umbandista pelotense.

Visto que a obra de Judith Bacci colabora para a percepção do patrimônio material e memória coletiva na região, o problema de pesquisa centra-se em definir de que maneira a escultura de Iemanjá pode contribuir para o entendimento dos discursos de construção da identidade cultural umbandista em Pelotas-RS.

Para auxílio nessa análise utilizar-se-á como principais referências, NEGRÃO (1996), VERGER (1999) e MORAES (2014), norteadores em relação à Umbanda e; CHOAY (2006), JONES (2010) e POULOT (2008), autoridades em relação ao patrimônio cultural.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada será uma pesquisa explicativa. Neste estudo de caso busca-se identificar e interpretar as causas e processos da construção de discursos

sobre patrimônio material, memória e identidade cultural que consolidam, neste caso, a cultura umbandista.

Após o período de busca de fontes e de registros fotográficos, foi organizada uma ficha técnica, com dimensões, identificação e diferentes registros dos usos e processos que a obra sofreu. A partir disso, com os dados adquiridos, as informações serão cruzadas com o auxílio de fontes de pesquisa como jornais locais e livros sobre patrimônio cultural e umbanda.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cientista social CONCONE (1987 apud NEGRÃO, 1996, p.29) foi pioneira ao tratar a umbanda não como um culto afro-brasileiro, e sim como brasileiro, compreendendo o caráter nacional da religião.

MORAIS (2014) contextualiza a origem da umbanda em 1908. O mito da manifestação do espírito do Caboclo das Sete Encruzilhadas, através de Zélio Fernandino de Moraes, em um templo Espírita Kardecista em Niterói (RJ) teria sido a origem da religião. O autor também ressalta que a umbanda já buscava firmar-se como genuinamente brasileira no início do século XX, sob a justificativa de que dialogava com os grupos populares que iam crescendo na formação das periferias.

Segundo VERGER (1999, p. 193) “a umbanda é uma religião popular tipicamente brasileira, que apresenta um caráter universalista que engloba principalmente em seu corpo doutrinário cinco influências: africana, católica, espírita, indígena e orientalista”. Ou seja, a umbanda é criada a partir de várias matrizes, uma religião sincrética por natureza. Em 02 de fevereiro comemora-se o dia de lemanjá, a festividade culmina com o encontro, na orla do Balneário dos Prazeres, da escultura da orixá com a imagem católica de Nossa Senhora dos Navegantes. Um exemplo notável de sincretismo.

A importância da escultura de Judith é explicada quando entendemos as ideias de patrimônio de CHOAY (2006), onde se pode observar o valor dessa obra enquanto patrimônio histórico da cidade de Pelotas. De acordo com CHOAY (2006, p.11), patrimônio histórico é todo bem destinado ao usufruto de uma comunidade, sendo assim, a escultura de lemanjá é uma obra pública que merece receber tal designação. A intensa relação da obra com a comunidade pelotense, sobretudo religiosa, nas procissões da festa em homenagem à orixá, mostra a perfeita relação entre o usufruto de um bem e a comunidade.

Duas ideias centrais que POULOT (2008) explicita referem-se a conceitos de patrimônio. Primeiro, este, mesmo que tido como vínculo social, é, entretanto, usado como estratégia política para a construção de identidades. Sobre este aspecto, observar a escultura de lemanjá como um patrimônio, fazendo uso consciente dessa estratégia política impositiva, pode ser uma maneira de valorizar a obra em questão, pois por vezes obras que se relacionam a religiosidades de matrizes africanas são historicamente colocadas à margem. Se por um lado, governantes fazem uso de leis para exaltar exemplares patrimoniais que contam somente a história de culturas dominantes, por outro, pode-se usar as mesmas leis para definir como patrimônio os exemplares de culturas ainda marginalizadas.

Em um segundo momento POULOT (2008) define patrimônio como instituição e imaginação. Instituição, pois a definição do que é patrimônio normalmente parte de uma elite dominante e de forças governamentais. E imaginação, pois as narrativas sobre bens patrimoniais também os consolidam enquanto representativos para as comunidades locais. Neste caso, mais uma vez a obra lemanjá ganha força

enquanto patrimônio local, pois recebe narrativas analisadas através de jornais locais e da história oral que evidenciam a importância da obra.

Para POULOT (2008, p.33) a ideia de “culturas múltiplas” alimenta e reforça identidades e grupos sociais. Segundo ele, o objetivo do patrimônio é atestar a identidade e afirmar valores. O patrimônio é tido como “vivo”, justamente pela forte ligação com a cultura que está sempre em constante transformação. Nesse sentido a escultura analisada dialoga com as ideias do autor, pois é uma obra que reafirma valores e crenças do grupo social umbandista em Pelotas.

Em abril de 2015, segundo VAZ (2015), a imagem de lemanjá sofreu um ato de vandalismo que acarretou em um incêndio que danificou a escultura no interior da sua gruta. Retomando as ideias de POULOT (2008, p.33), este ato de vandalismo alimenta a “consciência patrimonial” local, já que para o autor ela é ampliada por estes processos de destruição (como movimentos iconoclastas), que servem hoje como instrumentos de instituição de cultura e de suas políticas. Dessa forma, pode-se pensar que o acontecido com a lemanjá, embora trágico, sirva como mecanismo para novas políticas de proteção ao patrimônio público local.

Segundo POULOT (2008, p.34), “o patrimônio ‘vitimal’ alimenta um conjunto de reivindicações por todo o mundo”. Reafirmado pelos acontecimentos posteriores ao incêndio da obra, onde se registrou que parte da população protestou em ato público no centro da cidade de Pelotas¹, manifestando toda sua indignação com o vandalismo, a fim de conseguir apoio e denunciar o ocorrido para outras pessoas que, porventura, não estivessem a par do assunto.

Este fato, de certa forma, também impulsionou uma promessa de projeto de lei na Câmara de Vereadores, para que o local onde está a Gruta de lemanjá passe a ser um recanto de preservação religiosa². É possível perceber que as comunidades locais possuem força para articular-se com leis e projetos, como por exemplo, a reivindicação de medidas de proteção ao patrimônio pertencente a sua cultura.

De acordo com JONES (2010), a utilização de réplicas pode ser um meio para a preservação de obras de arte. Uma solução viável para a obra de Judith, pois uma réplica poderia minimizar a degradação da obra original, se esta ficasse em local apropriado para exposição e uma cópia fosse disponibilizada para receber orações e oferendas na sua gruta, além de participar nas festividades em sua homenagem.

Entende-se que a obra em si não é a Orixá, e sim uma facilitadora para a canalização de energias para os fiéis, ou seja, a obra “personifica o poder sagrado, mas não é a fonte dele” (AZEVEDO, 2009, p.113). Dessa forma, sem prejuízo para a prática religiosa, a réplica, utilizada como uma medida protetiva, favoreceria a preservação da obra original, que recentemente sofreu processo de recuperação.

4. CONCLUSÕES

Esta obra é significativa para a cidade, pois mantém relação com a comunidade e merece um olhar mais atento para sua preservação. A obra constitui uma

¹ CÂMARA MUNICIPAL DE PELOTAS. **Imagem queimada de lemanjá revolta população no manifesto de sábado no Calçadão**. Acessado em: 17 jul. 2015. Disponível em: <http://www.camarapel.rs.gov.br/imprensa/noticias-do-legislativo/imagem-queimada-de-lemanja-revolta-populacao-no-manifesto-de-sabado-no-calçada>

² DIÁRIO POPULAR DIVULGAÇÃO. **Fiéis ganham nova imagem de lemanjá**. Diário Popular – Tudo, Pelotas, 02 mai. 2015. Acessado em: 17 jul. 2015. Disponível em: http://www.diariopopular.com.br/tudo/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=OTg1MTg=&id_area=Mg==

particularidade da cidade e deve ser aceita plenamente como expressão da cultura local, sendo respeitada, tanto quanto os exemplares de culturas dominantes. Nenhuma cultura deve sobrepor-se à outra.

Dessa forma, este trabalho busca reforçar as relações de pertencimento e sentimento de apego ao patrimônio em questão, para que não somente umbandistas, mas a comunidade em geral, conheça e respeite a diversidade cultural existente na cidade.

Acredita-se que assim é possível reafirmar a importância da escultura, e valorizá-la, não pelo objeto em si, mas sim pelo que a obra representa para a cidade. As memórias e narrativas também definem o patrimônio. Portanto, observa-se que a obra, não somente por sua materialidade, mas também por seu aspecto simbólico, representa um instrumento de consolidação da cultura umbandista, prestando sua contribuição no âmbito local para as práticas religiosas da umbanda.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Janaína. **Tudo o que você precisa saber sobre Umbanda** [volume 3]. São Paulo: Universo dos Livros, 2009.

CÂMARA MUNICIPAL DE PELOTAS. **Imagem queimada de Iemanjá revolta população no manifesto de sábado no Calçadão**. Acessado em: 17 jul. 2015. Disponível em: <http://www.camarapel.rs.gov.br/imprensa/noticias-do-legislativo/imagem-queimada-de-iemanja-revolta-populacao-no-manifesto-de-sabado-no-calcadao>

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. 3.ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

DIÁRIO POPULAR DIVULGAÇÃO. **Fiéis ganham nova imagem de Iemanjá**. Diário Popular – Tudo, Pelotas, 02 mai. 2015. Acessado em: 17 jul. 2015. Disponível em: http://www.diariopopular.com.br/tudo/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=OTg1MTg=&id_area=Mg==

JONES, Siân. Negotiating Authentic Objects and Authentic Selves. *Journal of Material Culture*, (15): 2, 181-203, 2010.

MORAIS, Marcelo Alonso. **Umbanda: Orixás e Entidades**. Rio de Janeiro: Novo Ser, 2014.

NEGRÃO, Lísias. **Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo**. São Paulo: EDUSP, 1996.

POULOT, D. **Um Ecossistema do Patrimônio**. In: CARVALHO, C. S. de; GRANATO, M; BEZERRA, R. Z; BENCHETRIT, S. F. (orgs.). *Um Olhar Contemporâneo sobre a preservação do Patrimônio Cultural Material*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008.

VAZ, Karina. **Imagem da orixá Iemanjá, localizada no Barro Duro é incendiada**. Diário Popular - Tudo, Pelotas, 08 abr. 2015. Acessado em: 8 mai. 2015. Online. Disponível em: http://www.diariopopular.com.br/tudo/index.php?n_sistema=3056&id_noticia=OTc2Mzc=&id_area=Nw==

VERGER, Pierre. **Orixás, deuses iorubás na África e no novo mundo**. Salvador: Editora Corrupio, 1999.